

## Mauricio Tragtenberg: educador do horizonte socialista libertário\*

ANTONIO JOSÉ ROMERA VALVERDE\*\*

**Resumo:** O ensaio trata de aspectos da vida e da obra de Mauricio Tragtenberg (1929-1998), de sua formação autodidata, das excelentes características de educador, sob o signo do horizonte socialista libertário. Além de ser um proeminente crítico da instituição escola e jornalista das causas populares. Ao passo em que as remissões biográficas se entrelaçam aos árduos embates ético-políticos enfrentados.

**Palavras-chave:** Mauricio Tragtenberg; autodidata; educador; crítico da instituição escolar; jornalista.

### Maurício Tragtenberg: libertarian socialist horizon educator

**Abstract:** The essay deals with aspects of the life and work of Mauricio Tragtenberg (1929-1998), his self-taught formation, the excellent characteristics of educator, under the sign of the libertarian socialist horizon. In addition to being a prominent critic of the school institution and journalist of popular causes. While the biographical references are intertwined with the arduous ethical-political struggles faced.

**Key words.** Mauricio Tragtenberg; self-taught; educator; critic of the school institution; journalist.

\* Ensaio revisto, publicado, originalmente, In MENEZES, L. A. P. de (Org), *Educadores Paulistas: histórias de vida e ações no âmbito educacional*, Campinas, Autores Associados, 2022, pp. 481-498.



\*\* ANTONIO JOSÉ ROMERA VALVERDE é Professor Titular do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Professor do Departamento de Fundamento Sociais e Jurídicos da FGV-EAESP. Coordenador do Núcleo de Estudos do Renascimento, PUC-SP, 1997/2001. Líder do Grupo de Pesquisa Renascimento: Ética, Filosofia Política e Religião, CNPq/PUCSP, desde 2002. Pesquisador das áreas de História da Filosofia Moderna, de Ética e Filosofia Política e de Filosofia Política do Renascimento.

*“A finalidade de qualquer educação é modelar a sociedade: mais do que ser ensinado, o homem deve fazer sua educação de homem e cidadão, aprender a se informar, a se comunicar com o “outro”, a participar, a tornar-se capaz de devir numa sociedade em pleno devir, essa é a finalidade primeira da educação. Na escola do futuro trata-se de aprender a devir.” (Tragtenberg, 2005, p. 55)*

*“No interior do sistema social as instituições educacionais e seus sacerdotes, os professores, desenvolvem um trabalho contínuo e sutil para a conservação da estrutura de poder e, em geral, da desigualdade social existente. Duas são as principais funções conservadoras atribuídas à escola e aos professores: a exclusão do sistema de ensino dos alunos das classes sociais inferiores e a que definimos como socialização à subordinação, isso é, a transmissão ao jovem de valores compatíveis com seu futuro papel de subordinado.” (Tragtenberg, 1976, p. 29)*

### Aspectos da vida

O filme *Madadayo* (*Ainda não*), direção de Akira Kurosawa, de 1993, retrata a vida de Hyakken Uchida, professor de alemão que, aposentado após 30 anos de trabalho, pretende tornar-se escritor. O enredo move-se com os ex-alunos criando o rito de comemoração de aniversário do professor, perpassado pela trágica pergunta: “Madadai?” (“Está pronto?”). Ao que ele responde: “Madadayo” (“Ainda não”). Confirmação peremptória de mais um ano de vida, um de cada vez. Não está pronto para a morte. A comemoração repete-se ano após ano, com libações exemplares, muita cerveja, cantos, piadas. Sempre solícitos, os ex-alunos empenham-se por minorar cada dificuldade oferecida pela vida ao professor, como a destruição de sua casa, ocorrida no início da Segunda Guerra Mundial, ressaltado o servilismo oriental de par com os ditames da polidez formal japonesa, que, sem a devida interposição, pode comprometer a compreensão do lirismo ético em cena entre o professor e os ex-alunos, no

passo de dar a ver o conhecimento vivenciado para além da exigência escolar, em prontidão de máxima atenção para todos. Afinal, cinema tem sido, antes de nada, uma forma de educação, por favorecer o olhar a mediar o mundo. Nesse caso, espelha-se a verdadeira admiração encarnada pelos ex-alunos ao professor, seguindo-o em quase todos os seus gestos e as atitudes de franca sinceridade, sobremaneira a conduta ética exemplar mantida com os estudantes e todos os circundantes, diante da adoração às margens de um transe extático ante a personagem do professor.

A acidental comparação do professor de *Madadayo* com o professor Maurício Tragtenberg estanca nesse ponto, porque ambas as figuras, públicas e intelectuais, tiveram florescimentos muito distintos. Tragtenberg, substancialmente, era um desbravador teórico e prático de muitos aspectos da dinâmica educacional e pedagógica, autodidata, sob o arco do socialismo libertário, mesmo que nunca tenha se declarado anarquista, ao rejeitar, como Liev Tolstói, por

motivação cristã, a violência embutida em tal concepção filosófico-política, pela derivação, em algumas oportunidades, à prática da pedagogia dos fatos, utilizada para acordar as classes dominantes da tradicional letargia, como ocorrida em alguns quadrantes da Europa, a meados do século XIX e começo do século passado. Distinção necessária, porque a altura intelectual de Maurício não permitia ascender a qualquer torre de marfim nem se aproximar dela, muito menos ser tomado como guru de ninguém, ou ser lisonjeado por quem quer que fosse do meio acadêmico e arredor. Ao contrário, escolheu observar e analisar o movimento real do mundo do trabalho, da barra da vida em amplos aspectos, da ação política, das lutas sociais, do fascismo, do fisiologismo político, pela lógica irredutível do capital, articulada por gestores e sindicatos, além de sua necessidade máxima de compreender as insurgências contemporâneas filosóficas, sociológicas, econômicas, literárias, antropológicas – estas reconhecidas como invenção colonial inglesa destinada à dominação dos asiáticos –, todas como partes do teto ideológico dominante.

O foro de realização e dissipação de suas ideias educacionais e pedagógicas é a escola, organização complexa, cujo

aparelho escolar tem seu papel na reprodução das relações sociais de produção quando: a) contribui para formar a força de trabalho; b) contribui para inculcar a ideologia hegemônica, tudo isso pelo mecanismo das práticas escolares; c) contribui para reprodução material da divisão em classes (sociais) e d) contribui para manter as condições ideológicas das relações de

dominação (Tragtenberg, 1976, p. 22)<sup>2</sup>.

Ao que arremata: “O aparelho escolar impõe a inculcação ideológica primária e é seguido pelos diversos aparelhos – televisão, publicidade, seitas etc. A escola inclui, a forma de rudimentos, técnicas indispensáveis à adaptação ao maquinismo, em geral na forma preparatória” (Tragtenberg, 1976, p. 22), uma vez que os aparelhos ideológicos não produzem ideologia, mas cuidam de inculcar a ideologia da classe social dominante, com sucesso.

Não fazia concessões de nenhuma ordem, como se lê nos seus escritos, especialmente no “Memorial”<sup>3</sup>, apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), como exigência ao concurso para professor titular de Teoria da Organização, e na entrevista concedida na sede da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo<sup>4</sup>, além de suas atitudes e decisões plenamente éticas em momentos decisivos. Sem mestres, mesmo ao apropriar-se com toda a liberdade imaginável do pensamento de Karl Marx, para compreensão da exploração; de Max Weber, para a dominação; dos teóricos anarquistas, para a antipolítica, o contrapoder e a autogestão social e pedagógica; de Herbert Marcuse, para os nexos entre tecnologia e política em nova chave, a da civilização libidinal; de Hannah Arendt, para os aspectos da condição

<sup>2</sup> O capítulo “A escola como organização complexa” pode ser considerado o texto inaugural para as análises críticas do sistema educacional (Tragtenberg, 1976, p. 15-30).

<sup>3</sup> Eis a epígrafe do documento: “O que eu sou é o que me faz viver”, de *Henrique VIII*, de Shakespeare.

<sup>4</sup> Conferir a seleção de passagens do seu depoimento: Tragtenberg (1999).

humana; de Michel Foucault, para a loucura, a biopolítica e os confinamentos sociais, entre outros, mas tão somente como ferramentas teóricas disponíveis à construção do próprio pensar, de modo a suportarem a produção crítica de sobeja acuidade intelectual da ordem político-social, do movimento real. A vocação crítica e a altura intelectual de Tragtenberg foram, precocemente, reconhecidas pelos colegas e professores, em razão da frequência à Biblioteca Municipal e à sede do Partido Socialista Brasileiro (PSB) da cidade de São Paulo (SP).

Há um projeto de filme da vida e da obra de Maurício Tragtenberg em andamento, que algum momento se materializará, dadas as forças conjugadas e empenhadas para tanto. Assim, trazer à cena *Madadayo* cede lugar à lembrança de um artigo publicado originalmente em *A Folha Socialista*, de 5 de outubro de 1953, à página 4, intitulado “O encouraçado Potemkin: a ‘autocrítica’” (Tragtenberg, 2011b, p. 25-29). No artigo, primeiramente, Maurício reproduz a carta do diretor Sergei Eisenstein direcionada aos diretores da revista *Vida e Cultura*, que principia com os dizeres: “É difícil imaginar-se uma sentinela que se perde na contemplação das estrelas a ponto de esquecer o seu dever. É difícil imaginar-se um condutor de tanque a ler com avidez um romance de aventuras no momento de entrar em combate...” (Tragtenberg, 2011b, p. 25). Em seguida, analisa a “autocrítica de Eisenstein, obrigado pelo Partido, ‘reconsiderando à luz da verdade histórica’ o papel de Ivan, o Terrível<sup>5</sup>,

(que) insere-se dentro do mecanismo político do poder estatal totalitário russo. O que quer dizer isso?” (Tragtenberg, 2011b, p. 28).

Ao que adita:

Explicamos. Sabemos que em toda forma estatal onde há (ou havia) um líder, chefe ou profeta, este, para dominar, necessita de seu poder. Pois bem, a legitimidade do poder de Stálin estava baseada em nome da herança de Lênin (lembrem-se do discurso pronunciado por Stálin, quando da morte de Lênin, que inicia e prossegue em tom de homilia de seminarista...) (...). Aí vemos a legitimidade do poder de Stálin e da burocracia totalitária sem bases bolchevistas e revolucionárias. Mas, na medida em que o capitalismo de Estado russo e seu Estado totalitário assentam-se na legitimidade pessoal do “chefe”, vão procurar bases tradicionais e conservadoras para fundamentar seu poder perante o povo, e isso dá-se na Segunda Guerra (Mundial), quando na Rússia se opera uma revivescência nacionalista e pan-eslavista com a consideração de Alexandre Nevsky, Suvorov, Kutuzov, generais reacionários apresentados como heróis nacionais progressistas. É nessa linha que se dá a reconsideração de Ivan, o Terrível, totalitário e reacionário, como um czar “nacional progressista”. (...) É mais um dos dramas humanos que se inserem na longa lista das vítimas da “arte dirigida”. O suicídio artístico de Eisenstein é um símbolo, o símbolo da arte esmagada pelo totalitarismo, a pretexto de “direção”. E o gênio Eisenstein, amargurado, retirou-se pouco depois do cinema. Não há campo para protagonistas na arte russa, só há para o coro, para os dóceis ao dirigismo artístico. É assim que o

---

<sup>5</sup> A propósito de Ivan, o Terrível (1530-1584), conferir o capítulo “A Rússia Imperial” (TRAGTENBERG, 2007).

espírito revolucionário criador que transparece no *Encouraçado Potemkin* aparece como imagem viva de uma realidade morta, a Rússia atual, a negação do espírito criador e revolucionário (Tragtenberg, 2011b, p. 28-29).

Maurício encerra referindo-se ao comentário do historiador Victor Serge, para quem “os ideais da Revolução morreram e a foice e o martelo tornaram-se a bandeira do despotismo e do assassinato” (Tragtenberg, 2011b, p. 29)<sup>6</sup>. Nota-se pela leitura, mesmo fragmentada, o perfil do futuro educador brilhante ao assinar o ensaio em questão.

Se não fez carreira profissional atuando no gênero crítica cinematográfica, contudo, em 1979, Maurício escreveu uma análise do filme *Eles não usam black-tie*, direção de Leon Hirszman, de 1981, homônimo da peça teatral de Gianfrancesco Guarnieri, dramaturgo e ator, levada aos palcos em 1958. O artigo “Guarnieri para quem usa *black-tie*” foi publicado originalmente em um número do boletim *Oboré*, editado pelo jornalista Sérgio Gomes (Tragtenberg, 2011b, p. 35-36)<sup>7</sup>.

Autodidata por necessidade e instinto intelectual, desde um episódio prosaico na escola primária, quando fora reprovado em canto orfeônico por desafinar, no segundo ano do curso primário, situação que findou transformada em mote para a vida intelectual: aprender por si, pesquisando.

<sup>6</sup> A propósito de análises da Revolução Russa, conferir os artigos “Evolução histórica da Rússia à Revolução Soviética”; “Evolução da Revolução Russa de 1917 até hoje” e “A terceira Revolução Russa”, em Tragtenberg (2011).

<sup>7</sup> De maneira equivocada, na coletânea de artigos *Teoria e ação libertárias*, em nota de rodapé se lê: “Originalmente publicado em *Revista Outdoor*, 22-28 out. 1981, pp. 35”.

Progrediu bastante, orientado para o processo, em princípio pelos professores Antonio Candido e Azis Simão, em conversas na Biblioteca Municipal e na sede do PSB, ao final da década de 1940 e início da de 1950. Por ser o autodidata mais livre para pesquisar, apropriar-se do conhecimento e pensar por si, porém com método, no mesmo passo, o mote inicial forneceu a Maurício munição teórica para desafinar o coro dos contentes – políticos, ideólogos, intelectuais, religiosos ortodoxos, em síntese, os falsos profetas da miséria nacional.

De sua biografia, registrou: “Nasci na cidade de Erexim, no Rio Grande do Sul, na zona da colonização de camponeses de origem judaica, que se dirigiram para lá, vindos das perseguições da Rússia czarista e dos *progoms* da década de 1910” (Tragtenberg, 1999, p. 11)<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> “Minha biografia começa no interior do Estado do Rio Grande do Sul, onde meus avós aportaram na qualidade de camponeses pequenos proprietários, fugindo dos *progoms*, cultivando como unidade familiar uma agricultura de subsistência, em que o excedente era vendido no mercado, em Erebangó, que depois tornou-se Erexim e, finalmente, Getúlio Vargas. A emigração dos meus avós ao Brasil se deu através de um projeto de colonização judaica no Rio Grande do Sul, que tinha o financiamento da Cia. Judaica de Colonização, fundada pelo barão Hirsch, no início do século (passado). A colonização judaica no Rio Grande do Sul partia de Erebangó, espaiara-se para Philipson e Quatro Irmãos, regiões localizadas no Alto Uruguai, próximos a Marcelino Ramos, cidade fronteira com o Estado de Santa Catarina. Lembro-me do quadro rural de Erebangó, onde meus avós assentaram nos campos, cobertos de neve durante o inverno, do cultivo da terra e da extração da madeira, de sol a sol. Pela manhã era acordado pelo meu avô, com a pergunta: o Messias já chegou? Ele era um camponês profundamente religioso, tolstoiano, que esperava diariamente a chegada do Messias, como é comum em camponeses, pequenos proprietários em processo de proletarização.

Nascido aos 4 de novembro de 1929, tempo da crise econômico-social provocada pelo *crash* da Bolsa de Valores de Nova York, que não consta do referido “Memorial”, entanto registra os fatos de ter ficado órfão de pai com um ano de idade, o novo casamento da mãe e a mudança da família para Porto Alegre (RS) e, posteriormente, para São Paulo (SP), onde fixou residência<sup>9</sup>.

Maurício nomeava de as “minhas universidades”, arremedando o título do romance homônimo de Máximo Gorki, o Centro de Cultura Social, as aulas de filosofia proferidas por Mário Ferreira dos Santos, a frequência à casa da família Abramo e à Biblioteca Municipal de São Paulo – lugares de efervescência intelectual crítica sem o balizamento formal acadêmico, porém rigoroso –, além de frequentar os sapateiros anarquistas do Brás e da conversa com um politizado condutor do bonde, a meados dos anos de 1940.

Declarava-se ateu, sem alarde, farisaísmo ou falso moralismo, mantida a condição religiosa de judeu até o fim da vida. “Ateu, graças a Deus!”, como dizia sob fina ironia, vez que o humor era uma das marcas de seu caráter, mas

---

Essas camadas adotam o quilialismo utópico; como demonstrava Weber nos seus estudos sobre a religiosidade camponesa. O meio rural de Erebango não estava afastado das grandes ideias e movimento sociais que abalaram o mundo no início do século (passado), culminando com a Revolução Russa” (Tragtenberg, 1991, p. 79). Para detalhes da biografia de Maurício Tragtenberg, ver “Capítulo I – Maurício Tragtenberg: um esboço biográfico”, em Silva (2008). A propósito de vestígios da colonização judaica no Rio Grande do Sul, ver o romance humorístico *Cágada (ou a história de uma cidade a passo de)*, de Gladstone Osório Mársico (1974), que se passa em Erexim, ao momento do golpe militar de 1964.

<sup>9</sup> Para detalhes da vida do Pensador, conferir “Minha formação”, em Tragtenberg (1999).

mostrava restrições ao pensamento político de Mikhail Bakunin, dado o viés autoritário contido na sua obra<sup>10</sup>. Ocorre que o ativista russo talvez tenha sido aquele que de modo mais expressivo ao universo anarquista tenha descartado a hipótese Deus (Tragtenberg, 2011b, p. 125-143), no barco iluminista de Denis Diderot e de Pierre-Simon Laplace, em parte fruto de sua vivência na Rússia czarista e na Santa Moscou, sob vapores bizantinos e inspirado pela filosofia hegeliana.

Tragtenberg não comungava integralmente com Bakunin, mesmo reconhecendo sua importância no processo de solidificação do ideário e da prática federalistas<sup>11</sup>, sobremaneira, aos meios operários da arqui-católica Espanha, a meados do século XIX, ao tempo que esteve em cena a operação da sua reentrada no concerto das nações europeias, com praticamente 300 anos de atraso, de caráter religioso confidencial, sob um processo de secularização lenta, embalada pelos krausistas espanhóis, basicamente professores universitários, para a criação política da República. Mesmo assim, Tragtenberg sempre tomou partido teórico-prático do viés bakuninista ao explicitar o racha ocorrido no seio da Primeira Internacional. Para o campo teórico do anarquismo, Maurício Tragtenberg parecia alinhar-se mais pontualmente com o horizonte político criado por Pierre-Joseph Proudhon, por “ser o mais generoso dos teóricos do anarquismo” e pela defesa da proposta autogestionária.

---

<sup>10</sup> Ver: “Marx / Bakunin”, em Tragtenberg (2011b).

<sup>11</sup> Ver: “Mikhail Bakunin – Introdução a *Federalismo, socialismo, antiteologismo*”, em Tragtenberg (2011b).

### Crítica à educação e ao sistema educacional

Maurício Tragtenberg ingressou na Faculdade de Educação da Unicamp, em 1976, como professor não concursado, por indicação direta do reitor Zeferino Vaz, após ter sido aprovado três vezes em concursos públicos prestados na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Porém, sem contratação efetivada, logo, reprovado por motivos injustificáveis, academicamente.

Na faculdade produziu a crítica da instituição “organização escolar”, com todas as possíveis implicações sociopolíticas. Os cursos ministrados na pós-graduação da faculdade, após o primeiro curso tratar de metodologia histórica, em que ensinou a ler *O capital*, de Karl Marx, seguido de estudos sobre Max Weber, passaram a criticar o papel do controle burocrático escolar na inculcação ideológica, na reprodução da ordem econômica e na divisão social do trabalho, momento em que Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron foram introduzidos ao debate educacional nacional por *A reprodução*, ainda sem a devida leitura nem as inferências de todos os conflitos embutidos. Maurício cumpriu esse papel e trouxe também Michel Lobrot, Bernard Charlot, Mário Manacorda e os teóricos da educação anarquista, Tolstói, Paul Robin, Francisco Ferrer, preocupados com o processo educacional em liberdade e a autonomia dos envolvidos para o cumprimento da premissa da emancipação humana, extrapolado o pedágio da invenção iluminista.

Maurício Tragtenberg fundou, com Casemiro dos Reis Filhos e Joel Martins, a revista *Educação & Sociedade*, na Faculdade de Educação da Unicamp, em

1978. O primeiro número trouxe o artigo de fundo “Francisco Ferrer e a pedagogia libertária”, lastrado na história moderna da Espanha pela análise dos nexos entre reconquista e Igreja, a relevância da geração de 98, a vida e a obra de Ferrer, a pautar os princípios da coeducação de ambos os sexos, da coeducação das classes sociais, da higiene escolar, a importância dos jogos (pedagógicos) sob a guarda da cooperação não competitiva, a formação racionalista dos professores (escola de professores), sem prêmios nem castigos, abolidos os exames etc. Destaque para as notas de rodapé weberianas, extensas e densas, com indicações bibliográficas relevantes para a sustentação dos argumentos movidos no corpo do texto. Oportunidade de lançar à cena acadêmica as leituras de adolescente de textos anarquistas e da convivência com os sapateiros anarquistas do bairro do Brás, em São Paulo, por volta de 1945, completado com o fato de o Arquivo Edgard Leuenroth ter sido adquirido pela Unicamp, contendo todos os jornais anarquistas do começo do século XX.

Simultaneamente, Maurício pesquisava e escrevia a livre-docência, intitulada *Administração, poder, ideologia*, que defenderia entre os dias 12 e 13 de março de 1979. Para a aula correspondente, ministrada pela manhã, teve o ponto sorteado “Educação e Fascismo”, e a defesa da livre-docência à tarde<sup>12</sup>. A livre-docência teve como nexos iniciais o artigo seminal “A teoria geral da administração é uma ideologia?”, publicado na Revista de Administração de Empresas *RAE*, da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP), em

<sup>12</sup> A banca examinadora compunha-se dos professores Manoel Tosta Berlinck (presidente), Francisco Weffort, Marilena Chauí, Michel Debrun e Carlos Guilherme Mota.

1971. Ao tempo em que se discutia se administração era ciência ou técnica, para Maurício, ideologia.

Em determinado momento, entre os anos 1970 e 1980, Maurício figurou como a consciência possível do Brasil, pois soubera como ninguém compreender todas as contradições em curso e sintetizá-las de modo a conceituar o “espírito do tempo” manifesto, desde a herança política colonial, o fisiologismo político, os labirintos burocráticos estatal e acadêmico, a perda dos direitos trabalhistas, o lento processo de degradação das relações entre capital e trabalho, a falta de *virtù* do Partido dos Trabalhadores (PT), em ação, – talvez tenha sido o primeiro a denunciá-la –, às margens de certo fascismo interno de ordens e contraordens, a par de pouca reflexão crítica, na linha dos nexos necessários entre teoria e práxis para o avanço da causa social. Eram os seus dilemas<sup>13</sup>, sobremaneira, por desmontar criticamente o papel da educação no contexto nacional – de mantenedora da desigualdade social em ritmo acelerado –, que se perspectivado se chega à situação, aparentemente, irreversível da atualidade. Críticas confirmadas nos escritos recolhidos em *Educação e burocracia* (Tragtenberg, 2012). Maurício estava sempre atento ao lugar dos desfavorecidos pela injusta ordem socioeconômica, contudo, alinhado pela proposta de uma organização popular como saída lúcida<sup>14</sup>.

Entrado os anos 1980, Maurício leu Foucault e Hannah Arendt e, salvo

<sup>13</sup> Ver: “O dilema da estrela: branca ou vermelha”, em Tragtenberg (2009).

<sup>14</sup> Ver: “Organização popular, a saída lúcida”, em Tragtenberg (2009), e “O mais importante é o povo se auto-organizar”, Tragtenberg (2011a) – entrevista do jornal *Hoje* publicada em 16 de dezembro de 1979.

melhor juízo, foi o primeiro professor a introduzi-los na universidade, ao menos na Unicamp e na FGV. Ministrou cursos, em que lia e comentava a *História da loucura* e *A condição humana*, porém nunca se transformou em foucaultiano, arendtiano nem se filiou a qualquer outra novidade filosófica, sem esquecer a monumental empreitada intelectual de dissecar o livro póstumo de Max Weber, *Economia e sociedade*, o que fez em ao menos quatro semestres na Faculdade de Educação da Unicamp. Ao final da vida, estudava os maquiavelistas Han Fei-Tzu e Kautilia, chinês e hindu.

Há que se destacar sua militância no Centro de Cultura Social, fundado em 1933, na Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo e nas Comissões de Fábrica da Ford de São Bernardo do Campo (SP)<sup>15</sup>, assim como esteve próximo das Comunidade Eclesiais de Base (CEBs) do Butantã, e ainda da Associação dos Docentes da Unicamp (Adunicamp), onde não foi bem compreendido ao propor que o professor universitário fosse caracterizado como “trabalhador intelectual”. Os colegas da Unicamp acharam um rebaixamento do *status quo*.

A militância esteve combinada com a coluna “No Batente”<sup>16</sup>, do jornal

<sup>15</sup> Ver: “Comissões de fábrica e sindicatos”, em Tragtenberg (2009).

<sup>16</sup> Na primeira matéria da coluna “No Batente”, de 6 de dezembro de 1981, registrou: “A seção dirige-se a quem está ‘no batente’ e não àqueles que estão afastados da produção querendo falar em nome dos que trabalham. Receberá com o maior interesse e atenção cartas de trabalhadores que retratem os problemas no interior da fábrica como sugestões de temas de interesse de quem trabalha, que a seção deva tratar” (Tragtenberg, 2011a, p. 3-5). Para a segunda, emendou: “No sentido de esclarecer cabal e amplamente a opinião pública que lê *Notícias Populares* e a

*Notícias Populares*, o mais popular dos jornais paulistanos. Na coluna, Maurício escrevia sobre a luta dos trabalhadores, fazia denúncia, respondia a cartas de trabalhadores, levantava e mantinha bandeiras do antirracismo, feminismo, sobremaneira da autogestão social. Antes, havia trabalhado por três anos como diretor de política internacional da Folha de S. Paulo, a convite de Cláudio Abramo, a partir de 1964.

Maurício atuou também como tradutor e organizador de textos de magnitude política, voltados para a noção de autonomia, com destaque para a tradução de *Ben Gurion, o profeta armado*, de M. Michel Bar-Zohar, editado pela editora Senzala, em 1968, com sua “Apresentação do tradutor brasileiro”. Organizou edições de textos de pensadores heterodoxos do marxismo, como Herman Gorter, Jan Wacław Makhański e Amadeo Bordiga<sup>17</sup>, e do anarquismo, Bakunin, Piotr Kropotkin, Errico Malatesta, Nestor

---

seção ‘No Batente’, informamos que a Coluna está aberta aos trabalhadores assalariados em geral, das fábricas, oficinas, bancos e escritórios. Às donas de casa, estudantes, às minorias raciais na justa luta por seus direitos” (Tragtenberg, 2011a, p. 3-5). E prosseguia: “A Coluna está aberta à população trabalhadora sindicalizada ou não, às oposições sindicais de várias categorias na sua luta contra os ‘pelegos’ ou mesmo aos trabalhadores de várias categorias que, ao elegerem diretorias sindicais ‘autênticas’, num primeiro momento, verificam que as citadas transformam-se em inautênticas ao assumirem ante a classe a figura de ex-operários, agora portadores de cargos no sindicato, afastando-se das ‘bases’ em que se apoiavam ou procurando ‘usá-las’ para fins eleitoreiros. (...) É o que cabe esclarecer aos desavisados ou cidadãos de consciência pesada!” (Tragtenberg, 2011a, p. 3-5).

<sup>17</sup> Conferir: Tragtenberg (1981). Tragtenberg pretendia completar a obra com traduções de textos de Karl Korsch e de Paul Mattick, críticos do nomeado marxismo ortodoxo.

Makhno, além de prefaciando o livro *Organismo econômico da revolução: a autogestão na Revolução Espanhola*, de Diego Abad de Santillán, fundamental para a compreensão da Guerra Civil espanhola do ponto de vista da luta anarquista. Ainda, foi tradutor de textos de Weber e de Jürgen Habermas para a coleção “Os Pensadores”.

Maurício deixou uma obra intelectual de peso, extensa, quase totalmente publicada pela Editora Unesp, organizada pelo professor Evaldo Amaro Vieira, exímio conhecedor de seu pensamento, além de cursos exemplares, atualizados e dinâmicos, oferecidos aos alunos da graduação e da pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), da Unicamp e da Escola de Administração de Empresas da FGV-SP. É referência a, praticamente, toda pesquisa que intente levar adiante o legado de João Cruz Costa, o primeiro doutor em filosofia do Brasil, um dos que convenceram Maurício a entrar na Universidade de São Paulo (USP). Cruz Costa defendia que todo estudo acerca da filosofia, em solo pátrio, deveria reverter-se para a compreensão do Brasil. Maurício praticou esse enunciado no detalhe, mesmo não tendo formação em filosofia. A propósito, há uma pesquisa concluída acerca das fontes filosóficas do pensamento tragtenberguiano<sup>18</sup>.

Com efeito, em “Memorial”, Tragtenberg (1991, p. 84) informa:

---

<sup>18</sup> PHINTENER, M. de J. *As fontes filosóficas do pensamento de Mauricio Tragtenberg: inventário e subsídios para compreensão de um filosofia de combate*”, Dissertação defendida pelo PPG em Filosofia da PUC-SP, 2021. Link de acesso <https://tede.pucsp.br/handle/handle/23628>, acessado dia 11 de setembro de 2022.

Antonio Candido, no saguão da Biblioteca Municipal, mencionara uma lei federal que permitiria eu apresentar uma monografia à (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH da USP, para prestar vestibular e cursar a universidade. Em 150 dias de trabalho, estruturei a monografia *Panificação: o desafio do século XX*<sup>19</sup>, que, mediante parecer do Prof. João Cruz Costa, permitiu-me prestar vestibular e ingressar na USP.

Inicialmente aprovado para o curso de Ciências Sociais, que frequentou por um ano, prestou novo vestibular para ingresso em História da Civilização, porque “pensava ser esta mais condizente com os princípios do materialismo histórico” (Tragtenberg, 1991, p. 84).

Algumas teses doutorais explicitam o pensamento de Tragtenberg, como *A obra-trajeto de Maurício Tragtenberg sob o prisma das afinidades eletivas*, de Doris Accioly e Silva, defendida na Unesp de Araraquara, na área de sociologia, em 2004<sup>20</sup>. Outra é a de

Antônio Ozaí da Silva, *Maurício Tragtenberg e a pedagogia libertária*, defendida na Faculdade de Educação da USP, em 2004<sup>21</sup>. Em 2010, Elcemir Paço Cunha defendeu a tese intitulada *Gênese, razoabilidade e formas mistificadas da relação social de produção em Marx: a organização burocrática como abstração arbitrária*, em administração, na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais<sup>22</sup>. Há ainda a tese *A trajetória intelectual e política de*

---

remissões aos clássicos, em injunções adequadas e apropriações criativas, fosse pela liberdade intelectual do autor estudado, por não aderir a modismos acadêmicos.

<sup>21</sup> Silva (2008) procede ao exame da pedagogia libertária e da militância. Principia com o esboço biográfico do autodidata, autodidata “por necessidade”, no detalhe. Em seguida, analisa o processo de educação informal, combinado com a militância libertária demarcada pela (anti)política libertária, de par com a auto-organização dos trabalhadores e a autogestão social, sem deixar de analisar a posição de Maurício acerca da questão judaico-palestina. Passo seguinte, a tese examina os nexos entre história, política e pensamento libertário, na forma de círculos concêntricos, desde os primeiros escritos, em verdade desde *Planificação: desafio do século XX*, de modo a construir a identificação do pensamento tragtenberguiano com aspectos da política libertária, paralelamente à crítica à burocracia, ao chamado marxismo-leninismo-trotskismo. Por fim, a tese apresenta Maurício como educador crítico e libertário tanto da universidade quanto do processo de escolarização, fundindo teoria e prática pelos planos da pedagogia libertária e da pedagogia crítica. O professor Ozaí Silva foi orientando de Maurício no mestrado em ciências sociais da PUC-SP, em 1998.

<sup>22</sup> Trata-se do primeiro estudo acadêmico a interrogar a interpretação weber-marxiana da burocracia, considerados os elementos para apreender o tipo ideal weberiano (organização burocrática) como abstração arbitrária, o que evidencia a problemática interna do weber-marxismo de estudos organizacionais no Brasil. Para tanto, analisa a obra de Tragtenberg e, por extensão, a de Fernando Prestes Motta.

---

<sup>19</sup> A Monografia apresentada à USP foi editada pela editora Senzala em 1967, e reeditada pela Editora Unesp sob o título de *O capitalismo no século XX*, em 2010.

<sup>20</sup> Trata-se de uma reflexão construída desde o conceito de “afinidade eletiva” (*Wahlverwandtschaft*), desenvolvido por Michael Löwy, em *Redenção e utopia*, elevado da conceituação original de Goethe, à sua vez transliterada da química para o espírito, e do conceito de “obra-trajeto” até a análise das relações entre poder e contrapoder, cujo desemboque, em toque de originalidade, é a compreensão dos nexos entre autogestão e linguagem poética. A tese de Silva (2004) escapa aos enquadres medianamente conhecidos do pensamento de Maurício, pois efetiva a análise de toda a obra – livros, artigos, militância jornalística – ao alinhar os conceitos que balizaram os meandros constitutivos, fosse pelas

Maurício Tragtenberg, de Erisvaldo Pereira de Souza, doutorado em Sociologia, defendida na Universidade Federal de Goiás, em 2017, e a dissertação de mestrado de Ilzo Rafael Fonseca, *Relações sociais de produção e educação: uma análise da obra de Maurício Tragtenberg*, defendida em 2018, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, a par de um número considerável de artigos acerca da concepção tragtenberguiana de educação, publicados em revistas científicas qualificadas, com alto grau de compreensão de seu pensamento crítico<sup>23</sup> Outros pesquisadores deram prosseguimento à crítica tragtenberguiana em artigos de análise da burocracia, da administração, da educação e da filosofia política.

Todavia, um estudo sintético e elucidativo do pensamento crítico da educação se encontra no texto “Tragtenberg e a educação”, de Agueda Bernardete Bittencourt Uhle. Por ter sido orientanda e colega do Pensador na Faculdade de Educação da Unicamp, no texto a autora conseguiu desvelar ainda mais o que se encontra explicitado nos escritos de Maurício, mas não só, a começar por sistematizar o período de produção crítica acerca da educação, entre os anos 1978 e 1981, a par de apontar para a desconfiança do Autor em relação à própria escola como agente de transformação social, se não for organizada com base em demandas sociopolíticas, em vista das contradições de classes sociais do país, que se eternizam. Caso contrário, a escola presta-se a reproduzir tão somente a ordem social fixada e, ao mesmo passo, a disciplinar os estudantes para a

docilidade futura na atuação profissional. Ainda segundo Uhle, Tragtenberg

considera que, no plano social, a classe dominante representada pelo Estado define os objetivos da escola – “formar indivíduos cada vez mais adaptados ao seu local de trabalho, porém capacitados a modificar seu comportamento em função das mutações sociais” – e a forma como esses objetivos serão alcançados – em organizações burocráticas (Silva; Marrach, 2001, p. 160).

Por isso, registrou: “A luta é a grande escola do trabalhador, é através dela que forma sua consciência social, educa-se para a autonomia de organização e direção de seus projetos” (Tragtenberg, 2011a, p. 297). A que aditava: “A vida desmente a aula; a vida também educa. Não confundamos educação com escolaridade” (Tragtenberg, 2009, p. 178).

Hule explica que a

crítica à escola desenvolvida no conjunto de sua obra sobre educação é uma crítica radical. Vai às raízes do problema. Não propõe reformas ou ajustes de rota. Não aponta culpados nem desconsidera responsabilidades. O que põe em xeque é a própria instituição em seu conjunto, não como um organismo abstrato, mas como expressão de interesses (Silva; Marrach, 2001, p. 160).

Conclui que a posição tragtenberguiana consiste em “alertar para o lugar social da escola, mostrar seu peso político e as implicações da escolarização da população para a construção de uma dada organização social” (Silva; Marrach, 2001, p. 160). No mesmo passo, “tinha um compromisso permanente com a produção do

<sup>23</sup> Por exemplo, Shimamoto (2017).

conhecimento e, para isso, apostava na liberdade do pesquisador para buscar problemas socialmente relevantes para seus estudos” (Silva; Marrach, 2001, p. 164), fundados na necessidade de autonomia do pesquisador.

Contudo, para complementação do percebimento da crítica tragtenberguiana à educação, os artigos “O papel social do professor”, “Quando o operário faz a educação” e “As condições de produção da educação” (Tragtenberg, 2012) fornecem a dimensão basilar para tal.

Como a pesquisa acadêmica, *grosso modo*, ocorre com professores alocados nos programas de pós-graduação das universidades, Tragtenberg exerceu a crítica contundente do sistema de pós-graduação nacional. Os textos mais circunstanciados em vista dos fins da pesquisa acadêmica são “A delinquência acadêmica” e “O saber e o poder”. O primeiro, funcionou como uma bomba de efeito nada retardado, porque na semana seguinte do lançamento de *A delinquência acadêmica: o poder sem saber e o saber sem poder* (Tragtenberg, 1979) estudantes da USP picharam os muros do *campus* Butantã com frases retiradas do livro. Tragtenberg colocava sob suspeita toda pesquisa científica acadêmica para fins de manipulação política e de guerra. Para a apresentação do livro, intitulada “Verás que...”, registrou:

A *Delinquência Acadêmica* aborda não só a universidade como instituição dominante, mas também os mecanismos pelos quais ela se liga à dominação. Procura mostrar que sua crise reflete a crise da sociedade global, produzindo contraditoriamente dois tipos de intelectual. O intelectual orgânico da burguesia, organizador da hegemonia burguesa, a qual por

mediação da universidade inculcará as formas de sentir, pensar e agir da classe dominante como sendo “naturais” e “normais”; e o intelectual crítico que, em épocas de ascensão do movimento de massas, pode legitimamente representá-las (Tragtenberg, 1979, p. 9)<sup>24</sup>.

O legado de Tragtenberg é imenso ao campo das ciências humanas. Contribuiu para a crítica da administração empresarial, compreendida como ideologia, sendo pioneiro em registrar a introdução do tema toyotismo na gestão das empresas no Brasil, e para a crítica da escola como locus de conflito social e de possibilidades de explicitação, para além da submissão à ideologia dominante. Ainda, introduziu a filosofia política do socialismo libertário, marcada pela ideia de autogestão em todos os níveis da sociedade, além de ter formado dezenas de professores e pesquisadores universitários, ex-orientandos ou não, que assimilaram o núcleo do pensamento crítico tragtenberguiano.

Em justo reconhecimento ao esforço intelectual de compreensão do Brasil, Tragtenberg figura, de modo nada accidental, entre os intérpretes do Brasil, na obra coletiva *Intérpretes do Brasil*:

---

<sup>24</sup> A propósito do vestibular, a porta de entrada na universidade, conferir o debate ocorrido na *Folha de S. Paulo* “Quem está fora não entra, quem está dentro não sai”, coordenado pelo professor José Goldemberg, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e ex-coordenador da Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), com a participação dos professores Newton Balzan (Faculdade de Educação da Unicamp), Maurício Tragtenberg (PUC-SP e FGV), Isaías Raw (USP) e Jocimar Archangelo (diretor do Equipe Vestibulares). Maurício criticou o sistema de vestibular, entre outras coisas, por escolher os já escolhidos socialmente. Praticamente não foi revidado (Tragtenberg, 2004, p. 163-190).

*clássicos, rebeldes e renegados* (Barsotti, 2014, p. 357-376).

Em reconhecimento ao professor excelente e ao jornalista combativo, em 29 de outubro de 2010, o curso de jornalismo da PUC-SP teve aprovada a criação da Agência de Jornalismo Online Maurício Tragtenberg (AGEMT), cujos princípios se encontram em nota de rodapé<sup>25</sup>.

Se o filme documentário biográfico do Filósofo da luta social ainda se encontra embrionário, em 2017 o líder sindical dos Correios Pedro Porcino, os familiares do Pensador, amigos e ex-alunos fundaram o bloco carnavalesco Filhos de Maurício Tragtenberg, durante o evento acadêmico Maurício Tragtenberg, a Pessoa, a Obra e a Revolução Russa, realizado na PUC-SP, em setembro daquele ano. O bloco desfilou no carnaval de 2018 e de 2019. Em 2020, os integrantes avaliaram a pandemia da Covid-19 à espreita nas esquinas paulistanas, findando por adiar o desfile para um futuro carnaval. Para o primeiro desfile, o músico Val Medeiros compôs o samba-enredo *Samba em homenagem a Maurício Tragtenberg*, interpretado por Helber Medeiros, em gravação de circulação restrita, por enquanto. Encerra-se o capítulo com a letra da música, uma excelente síntese da vida do professor Maurício Tragtenberg e de seu reconhecimento popular:

Uma voz ecoou... / bateu saudade. / Menino pobre que nasceu em Erechim (bis) / Povoado pequeno, / começava assim. / Essa história que jamais terá um fim. / Nessa trajetória esse menino

alcançou: / sucesso e prestígio, / muita luta ele travou. / Foi professor, / se tornou jornalista. / Uma figura importante no Brasil. / E foi assim que ele surgiu. / “No Batente” escreveu suas ideias / de liberdade. / Com seu espírito de luz, / Só queria igualdade. / Homem de cultura exemplar, / na escola da vida (bis). / Foi perseguido injustamente, / pela ditadura militar. / Mas o tempo passou, / então retornou. / Deu a volta por cima. / Formando uma grande legião de mestres, / da cultura popular. / Hoje o céu está em festa, / pra cantar. / Sua história, vai se eternizar. / Os anjos as trombetas vão tocar. / Maurício Tragtenberg / sua voz vai ecoar (Medeiros, 2019)].

- *Que se leia a obra de Maurício Tragtenberg! “O judeu sem templo. O militante sem partido. O intelectual sem cátedra!”*<sup>26</sup>.

#### Referências

- Barsotti, P. D. Maurício Tragtenberg. In: Pericás, L. B.; Secco, L. (org.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 357-376.
- Cunha, E. P. *Gênese, razoabilidade e formas mistificadas da relação social de produção em Marx: a organização burocrática como abstração arbitrária*. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- Fonseca, I. R. *Relações sociais de produção e educação: uma análise da obra de Maurício Tragtenberg*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- Mársico, G. O. *Cágada (ou a história de uma cidade a passo de)*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

<sup>25</sup> A “Carta à comunidade puquiãna” e a “Linha editorial da Agência de Jornalismo Online Maurício Tragtenberg” encontram-se acessíveis em: <https://agemt.pucsp.br/sobre-a-agencia>. Acesso em: 26 de janeiro de 2022.

<sup>26</sup> Aposto dado pelo professor Paulo-Edgar de Almeida Resende, colega de Departamento de Política da Faculdade de Ciências Sociais, da PUC-SP.

- Medeiros, Val. *Samba em homenagem a Maurício Tragtenberg*. 2019. Disponível em: [https://m.facebook.com/FilhosDeMauricioTragtenberg/videos/2185954824758258/?refsrc=deprecated&\\_rdr](https://m.facebook.com/FilhosDeMauricioTragtenberg/videos/2185954824758258/?refsrc=deprecated&_rdr). Acesso em: 27 ago. 2021.
- Shimamoto, S. V. M. A concepção de trabalho escolar e a (des)política dos sujeitos sociais a partir de Maurício Tragtenberg. *Educação e Políticas em Debate*, v. 6, n. 2, p. 255-274, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/46776/25480>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- Silva, A. O. da. *Maurício Tragtenberg e a pedagogia libertária*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001385234>. Acesso em: 28 ago. 2021.
- Silva, A. O. *Maurício Tragtenberg: militância e pedagogia libertária*. Ijuí: Editora Unijuí, 2008.
- Silva, D. A. *A obra-trajeto de Maurício Tragtenberg sob o prisma das afinidades eletivas*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2004.
- Silva, D. A.; Marrach, S. A. (org.). *Maurício Tragtenberg: uma vida para as ciências humanas*. São Paulo: Editora Unesp / Fapesp, 2001.
- Souza, E. P. *A trajetória intelectual e política de Maurício Tragtenberg*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.
- Tragtenberg, M. A escola como organização complexa. In: Garcia, W. E. (org.). *Educação brasileira contemporânea: organização e funcionamento*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976. p. 15-30.
- Tragtenberg, M. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. In: Tragtenberg, M. *Educação & sociedade*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978. p. 17-49.
- Tragtenberg, M. *A delinquência acadêmica: o poder sem saber e o saber sem poder*. São Paulo: Rumo, 1979.
- Tragtenberg, M. (org.). *Marxismo heterodoxo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- Tragtenberg, M. *Sobre educação, política e sindicalismo*. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1982. v. 1. (coleção Teoria e Prática Sociais).
- Tragtenberg, M. Memorial. *Pro-Posições*, Campinas, v. 2, n. 1, 1991. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/1704/4-divulgacao-tragtenberg.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- Tragtenberg, M. *Memórias de um autodidata no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp / Escuta / Fapesp, 1999.
- Tragtenberg, M. *Sobre educação, política e sindicalismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2004. (coleção Maurício Tragtenberg).
- Tragtenberg, M. *Administração, poder e ideologia*. São Paulo: Editora Unesp, 2005. (coleção Maurício Tragtenberg).
- Tragtenberg, M. *A revolução russa*. São Paulo: Editora Unesp, 2007. (coleção Maurício Tragtenberg).
- Tragtenberg, M. *A falência da política*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. (coleção Maurício Tragtenberg).
- Tragtenberg, M. *O capitalismo no século XX*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- Tragtenberg, M. *Autonomia operária*. São Paulo: Editora Unesp, 2011a. (coleção Maurício Tragtenberg).
- Tragtenberg, M. *Teoria e ação libertárias*. São Paulo: Editora Unesp, 2011b. (coleção Maurício Tragtenberg).
- Tragtenberg, M. *Educação e burocracia*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- Valverde, A. J. R. (org.). *Maurício Tragtenberg: 10 anos de encantamento*. São Paulo: Educ / Fapesp, 2011.
- Valverde, A. J. R.; Machado, R. *Maurício Tragtenberg: autogestão social e pedagógica*. São Paulo: Educ, 2016. (coleção Sapiência – Grandes Mestres da PUC-SP).

#### Filmografia

*Madadayo*. Direção: Akira Kurosawa. 1993.

*Sampa, Inverno de 2022*.

Recebido em 2022-11-14  
Publicado em 2023-01-01